

O ensino de arte no contexto da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos: reflexões a partir das vivências no curso técnico em controle ambiental do CED Irmã Maria Regina Velanes Regis

 Júlia Brito Fagundes*

Resumo: O presente relato é uma reflexão acerca do ensino de Arte no contexto da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir da minha experiência como professora da disciplina Arte do Curso Técnico em Controle Ambiental do CED Irmã Maria Regina Velanes Regis, escola situada no Núcleo Rural Rodeador, na CRE de Brazlândia e pioneira nessa modalidade de ensino no Distrito Federal. O principal objetivo deste trabalho é investigar possibilidades de integração entre o ensino de Arte e o mundo do trabalho, numa perspectiva de formação do técnico-cidadão. A presente reflexão está fundamentada em documentos que orientam a Educação Profissional, tais como o Currículo em Movimento da SEDF e o Plano de Curso, aprovado pelo Conselho Escolar. Além disso, a poética do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1975) e a noção de recepção teatral e educação cidadã (RIBEIRO, 2011) são importantes aportes teóricos que orientam as práticas de ensino de Arte investigadas. Por fim, encontro na construção do tempo-espço escolar numa perspectiva dialógica uma possibilidade de desenvolvimento de práticas pedagógicas relevantes no contexto da Educação Profissional integrada à EJA.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Educação Profissional integrada à EJA. Arte-educação. Educação cidadã. Teatro do Oprimido. Educação do Campo.

* Júlia Brito Fagundes é especialista em Diversidade e Cidadania na EJA pela FE/UnB, e mestranda no programa Prof-Artes do CEN/UnB. Atua como professora da Secretaria de Educação do DF, no CED Irmã Maria Regina Velanes Regis.

“Que sociedade queremos? Aquela que prima pela emancipação ou aquela que esconde a exclusão por trás de um discurso mercadológico de inclusão e igualdade social?” (LIMA; NETA, 2015. p. 12). Compartilho da inquietação que impulsiona a investigação das pesquisadoras Aline Lima e Olívia Neta acerca do papel da disciplina História no contexto do Curso Técnico de nível Médio Integrado de Turismo do Instituto Federal do Rio Grande do Norte.

Os conhecimentos pertencentes à área técnica são apenas uma das partes importantes na formação de um profissional técnico, pois representam uma base para que esse profissional se insira no mundo do trabalho de forma mais digna. Contudo, na perspectiva da formação integral, busca-se ainda formar para a cidadania crítica, para que esse trabalhador seja efetivamente capaz de ler o mundo, se posicionar frente a situações problema, entender seu lugar de fala, seu lugar social e as relações de poder que envolvem a sua profissão. Para que isso ocorra sem a perda nem dos saberes científicos, nem dos saberes práticos, mais uma vez, busco como referência a investigação de Lima e Neta:

É preciso que se tenha um currículo que integre não só os conhecimentos disciplinares, mas também extinga a fragmentação do saber teórico versus a prática. Isso somente é possível quando se concebe o trabalho não apenas pelo viés mercadológico, mas em seu sentido ontológico e histórico (2015. p. 13)

Desse modo, o conceito de Educação Profissional que orienta as reflexões tecidas nesse texto é oriundo de uma educação que permita a inserção do trabalho como princípio educativo em suas dimensões ontológicas, históricas e sociais.

Neste breve texto, cujo propósito principal é investigar a possibilidade de integração entre o ensino de arte e o mundo do trabalho numa perspectiva de formação do técnico cidadão, apresento o contexto do CED Irmã Maria Regina Velanes Regis e do Curso Técnico em Controle Ambiental Integrado à Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde leciono e que é pioneiro no DF. A partir dessa apresentação, realizo uma reflexão acerca

das vivências pedagógicas na disciplina Arte inserida no contexto do curso Técnico em Controle Ambiental a fim de investigar as possibilidades de práticas pedagógicas para a construção de liames entre o ensino de Arte e o mundo do trabalho, numa perspectiva de formação omnilateral. Por fim, defendo a importância do dialogismo nos processos que sustentam as práticas e vivências das aulas de Arte nesse contexto.

O CED Irmã Maria possui uma relação especial com alguns temas relacionados ao cuidado com o Meio Ambiente. Sendo uma escola do campo, tem entre seus alunos produtores rurais e participantes de lutas pela reforma agrária. Desse modo, temas relacionados à terra, à água e ao uso consciente de recursos naturais fazem parte da vivência diária de muitos dos nossos estudantes. Consciente da existência de uma enorme dívida do poder público em relação ao direito dos povos do campo à educação, o CED Irmã Maria, como é conhecida na região, foi a primeira escola do Distrito Federal a aprovar o Curso Técnico em Controle Ambiental integrado à EJA no começo de 2015. Assim, a partir do segundo semestre do ano de 2015 a escola passou a ofertar o Curso Técnico em Controle Ambiental abrangendo as áreas de conhecimento da Base Nacional Comum e da Educação Profissional no terceiro segmento da EJA.

É relevante destacar que, no contexto do ensino de Arte inserido no processo de formação profissional na área de controle ambiental de jovens e adultos trabalhadores do campo numa perspectiva integrada, questões como currículo, conteúdo e práticas pedagógicas devem atender a uma série de especificidades. Desse modo, o desenvolvimento de habilidades como elaboração crítica, capacidade de comunicação (verbal, não-verbal, leitura e escrita), capacidade de organização do trabalho (individual e em grupo), iniciativa para a resolução de problemas, raciocínio lógico, independência, concentração, determinação, organização, dentre outras, devem ser bem estimuladas pelas práticas pedagógicas de todas as disciplinas, tanto da área técnica quanto da área propedêutica. Na perspectiva integrada, aliás, essa divisão em área técnica e propedêutica tende a

desaparecer por meio da convergência de todas as disciplinas para um eixo integrador transversal, que no caso do nosso curso é: “Rodeador Sustentável: terra, trabalho e transformação social” (SEDF, 2014b. p. 17).

A disciplina Arte, nesse contexto, é desenvolvida de modo que “o ato de experimentar evidencie-se como grande instrumento de aprendizagem, capacitando e estimulando processos criativos assentados na autoexpressão, na ação cooperativa e no espírito investigativo e crítico, conferindo à experiência estética, uma forma de conhecimento elementar e essencial à elaboração da cidadania” (RIBEIRO, 2011. p. 125). Em outras palavras, as práticas pedagógicas em Arte são orientadas pelos princípios da educação para a cidadania, da Educação para o Desenvolvimento Sustentável e da Educação Planetária de modo a articular as vivências estético-pedagógicas com o eixo integrador do curso: “Rodeador Sustentável: terra, trabalho e transformação Social”:

Este é um dos temas que deverão dominar os debates educativos das próximas décadas. O que estamos estudando em nossas escolas? Não estaremos construindo uma ciência e uma cultura que estão servindo apenas para a degradação do planeta e dos seres humanos? A categoria sustentabilidade deve ser associada à **planetaridade**, isto é, uma visão da Terra como um novo paradigma. Complexidade, holismo, transdisciplinaridade aparecem como categorias associadas ao tema da planetaridade. Que implicações tem essa visão de mundo sobre a educação? O tema remete a uma cidadania planetária, à civilização planetária, à consciência planetária. Uma **cultura da sustentabilidade** é, também, por isso, uma cultura da planetaridade, isto é, uma cultura que parte do princípio de que a Terra é constituída por uma só comunidade de humanos, os terráqueos, e que são cidadãos de uma única nação (GADOTTI, 2012. p. 47, grifo do autor).

Nos processos de ensino-aprendizagem da disciplina Arte que desenvolvo junto com os estudantes-trabalhadores do campo no contexto do nosso curso, busco desenvolver uma abordagem metodológica que transcenda uma compreensão da disciplina enquanto objeto único e isolado, independente de um projeto ou trabalho envolvendo outros professores e disciplinas. Para isso, é fundamental o desenvolvimento de práticas pedagógicas

permeadas pela noção de transdisciplinaridade, isto é, para além de todas as disciplinas, através delas e entre as disciplinas – ou, em outras palavras, práticas que tenham como finalidade a compreensão do mundo presente, onde um dos imperativos é a unidade de conhecimento (NICOLESCU, 1997). Acredito que a poética do Teatro do Oprimido (BOAL, 1975) desenvolvida pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, é um eficaz aporte metodológico para as vivências educacionais que busco desenvolver juntamente com os estudantes do CED Irmã Maria.

A partir dessa perspectiva, desenvolvemos em nossas vivências nas aulas de Arte cenas de Teatro-jornal, Teatro-fórum e Teatro-imagem com vistas a diversos propósitos formativos. O Teatro-jornal é a encenação de notícias de um determinado jornal. Historicamente, foi bastante utilizado por grupos de teatro político em movimentos sociais que contavam com muitos sujeitos analfabetos. Já o Teatro-imagem consiste na encenação a partir de um problema real e que deverá ser “congelada” em uma dada situação-problema. A plateia deve intervir modificando as figuras ou estátuas humanas, transformando o sentido da cena. O Teatro-fórum baseia-se na ideia de desenvolvimento de uma cena a partir de relatos e conversas entre o grupo. Nessa concepção teatral, as pessoas da plateia não são ignoradas, ao contrário, há diálogos e jogos entre os personagens e os demais. Além disso, em um determinado momento da peça, no clímax em que se apresenta a situação de opressão, a peça é paralisada e então as pessoas são instigadas pela figura do “curinga” a debater sobre aquele problema apresentado e propor soluções para ele. Entretanto, os “espec-atores” devem propor essas possíveis soluções de forma ativa, isto é, assumindo o papel de um determinado ator (preferencialmente o oprimido) para experimentar em cena a sua proposta. Assim, o Teatro-jornal, o Teatro-imagem e o Teatro-fórum são métodos de Teatro do Oprimido que buscam a possibilidade de fazer com que todos os participantes do processo de ensino aprendizagem se comuniquem trazendo reflexões críticas e políticas sobre a realidade (BOAL, 1975).

O espaço-tempo na EJA é bastante limitado por diversos fatores, tais como a otimização do tempo de formação de um ano para seis meses por série, a impossibilidade de os estudantes realizarem atividades extraclasse,

dada sua condição de trabalhadores, além de contar com diversos estudantes que são mães e pais de família, etc. Como forma de lidar com isso busco desenvolver os conteúdos e objetivos específicos da disciplina de forma menos pontual e com atividades mais abrangentes. Desse modo, para além da apropriação da linguagem teatral, que é um importante objetivo da disciplina, procuro desenvolver por meio das práticas pedagógicas durante as aulas de Arte, nas quais o Teatro do Oprimido é uma das bases metodológicas, outras competências listadas no Plano de Curso das turmas do curso técnico em controle ambiental, quais sejam:

Conhecer e utilizar as formas contemporâneas da linguagem, com vistas ao exercício da cidadania e à preparação para o trabalho, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; compreender a sociedade, sua gênese e transformação e os múltiplos fatores que nela intervêm como produtos da ação humana e do seu papel como agente social; ler, articular e interpretar símbolos e códigos em diferentes linguagens e representações, estabelecendo estratégias de solução e articulando os conhecimentos das várias ciências e outros campos do saber; ter atitude ética no trabalho e no convívio social, compreender os processos de socialização humana em âmbito coletivo e perceber-se como agente social que intervêm na realidade; ter iniciativa, criatividade, autonomia, responsabilidade, saber trabalhar em equipe, exercer liderança e ter capacidade empreendedora; posicionar-se crítica e eticamente frente às inovações tecnológicas, avaliando seu impacto no desenvolvimento e construção da sociedade (SEDF, 2014a, p. 11).

Em um espaço de formação de futuros profissionais técnicos em controle ambiental, é fundamental que os alunos compreendam o processo de produção de sua existência e as relações de trabalho numa perspectiva histórica, especialmente no que se refere às relações de poder presentes na dimensão social, pública e privada. Assim, é notório que o ensino de Arte precisa englobar o mundo do trabalho como categoria fundamental em diferentes níveis de ensino, em especial no contexto da Educação Profissional. Além disso, a forma como os tempos-espaços pedagógicos do curso são concebidos também é essencial para a consolidação dessa compreensão a respeito das relações de poder a que me refiro.

No trecho dos pressupostos teóricos do Currículo em Movimento da Educação Básica da SEDF citado abaixo, fica evidente a importância que as orientações curriculares dão para a construção do espaço educativo numa perspectiva dialógica:

Para a efetivação deste Currículo na perspectiva da integração, alguns princípios são nucleares: unicidade teoria-prática, interdisciplinaridade, contextualização, flexibilização. (...)

O ensino que articula teoria e prática requer de professor e estudantes a tomada de consciência, revisão de concepções, definição de objetivos, reflexão sobre as ações desenvolvidas, estudo e análise da realidade para a qual se pensam as atividades. Do professor, especificamente, exige a abertura para o diálogo e a disposição para repensar cotidianamente a organização da aula (SEDF, 2014b, p 66-67).

Portanto, a efetivação do currículo na perspectiva da integração proposta não pode se realizar sem que haja a construção de um espaço coletivo, autogestionado e emancipatório. Em outras palavras, na perspectiva da integração, os tempos-espaços da sala de aula devem se constituir de forma dialógica, isto é, a partir da participação ativa, coletiva e inclusiva de todos os atores do processo.

Nesse sentido, no contexto das aulas de Arte do nosso curso Técnico em Controle Ambiental, professora e estudantes passam a ser corresponsáveis pela construção do tempo-espaço da sala de aula, daí a escolha metodológica pela poética do Teatro do Oprimido. Pois, em nossa sala de aula, o Teatro do Oprimido se configura como uma metodologia estético-pedagógica que sustenta a construção de espaços de fala coletivos e inclusivos, apoiando um planejamento de aula aberto e que se constrói dialogicamente no tempo-espaço da aula.

Assim, nas aulas de Arte, procuro desenvolver estratégias que garantam a construção de tempos-espaços pautados nos princípios do dialogismo e da colaboração em busca de “reaprender a aprender com a plena consciência de que todo o conhecimento traz em si mesmo e de forma ineliminável a marca da incerteza” (MORRIN, CIURANA; MOTA, 2003, p. 55).

Seguimos errando, eu e os estudantes, para formarmos uma comunidade de aprendizagem. Seguimos

errando, eu e os estudantes, para criarmos algo novo no instante da sala de aula (e qualquer espaço que seja transformado em sala de aula). Seguimos errando para encontrar vivências significativas de aprendizagem. Seguimos errando vida a fora...

Ao longo da minha trajetória como professora de artes nas turmas de EJA de uma escola do campo em Brazlândia, minha terra natal, algumas vezes escutei dos estudantes:

- Professora! Quando vamos ter aula de verdade? Sempre respondi, gentilmente, que já estamos em aula, mas no ouvido da memória me soa o canto de um passarinho chamado Manoel de Barros (2001, p. 19):

A poesia está guardada nas palavras - é tudo que eu sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.
Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as
[insignificâncias (do mundo e as nossa).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado.
Sou fraco para elogios.

Referências bibliográficas

BARROS, Manuel. *Tratado geral das grandezas do ínfimo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. 1975.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Centro Educacional Maria Regina Velanes Regis. *Plano de Curso: Técnico Integrado em Controle Ambiental*. SEDF, 2014a.

_____. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). *Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação Profissional e a Distância*. Brasília, 2014b.

GADOTTI, Moacir. *Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável*. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Paulo Freire, 2012.

LIMA, A.C. e NETA, O.M. *O ensino de história no Curso Técnico Integrado de turismo – CEFETRN/IFRN – Campus Natal (2005-2011)*. In: Revista Brasileira de Educação Profissional e tecnológica. v. 1, n. 8 (2015)

MORIN, E; CIURANA, ER; MOTA, RD. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez; 2003.

NICOLESCU, Bassarab. *A evolução transdisciplinar da Universidade, condição para desenvolvimento sustentável*. In: Congresso internacional Tailândia, nov. 1997.

RIBEIRO, José Mauro. *Assim no teatro como na vida: experiência estética, leitura de mundo e educação cidadã*. 2011. 147 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro e Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador.